

Oficina JOGOS PARA A PAZ

CONFESSIONALIDADE LUTERANA

Seminário de capacitação de lideranças que trabalham com grupos de crianças, adolescentes, jovens e pessoas adultas



ÍNDICE

3	<u>Introdução</u>
5	<u>Reflexão Inicial</u>
6	<u>A proposta da Oficina</u>
7	<u>Objetivos</u> <u>Metodologia</u>
8	<u>Atividades Integrativas e de Cooperação</u> <u>Proposta de Integração 01: Nomes em movimento</u>
9	<u>Proposta de Integração 02: Nome Adjetivo</u> <u>Modo Cooperativo 01: A cabra cega</u>
10	<u>Modo Cooperativo 02: Furacão</u>
11	<u>Integração da Paz 01: Educar para a paz</u>
12	<u>Modo Cooperativo 03: Escapa</u>
13	<u>Integração da Paz 02: O que é violência</u>
16	<u>Modo Cooperativo 04: Salve-se com um abraço</u>
17	<u>Integração da Paz 03: Encenação</u> <u>Modo Cooperativo 05: O bote salva-vidas</u>
18	<u>Modo Cooperativo 06: Os bichinhos</u>
19	<u>Modo Cooperativo 07: O nó humano</u>
20	<u>Modo Cooperativo 08: Voleiçol infinito</u>
21	<u>Modo Cooperativo 09: A fuga dos quadrados</u>
24	<u>Meditação final</u>
27	<u>Encerramento</u>
29	<u>Anexo</u>
30	<u>Referências</u>

INTRODUÇÃO

Iniciamos a reflexão com a definição da palavra paz, conforme o dicionário Aurélio. Sublinhamos aquelas palavras que nos parecem mais apropriadas para o estudo do tema.

Paz: 1. *Ausência de lutas, violências ou perturbações sociais; tranquilidade pública; concórdia, harmonia. O respeito às leis assegura a paz de uma comunidade.* 2. *Ausência de conflitos entre pessoas; bom entendimento, harmonia.* 3. *Ausência de conflitos íntimos, sossego.* 4. *Situação de um país que não está em guerra com o outro.* 5. *Restabelecimento de relações amigáveis de países beligerantes.* 6. *Tratado de paz, assinar a paz.* 7. *Ausência de agito ou ruído, repouso, sossego.*

Também podemos lembrar da palavra Paciência, pois paciência é ciência da paz. Assim, para vivermos a paz, precisamos aprender e vivenciar relações de paz. Fazer a ponte com os jogos da paz.

Na tradição judaico-cristã utilizamos o termo em hebraico *Shalom*, também utilizado por Jesus, que “a paz esteja contigo!” *Shalom haverim!*

Nota-se que a definição de paz se dá pela sua oposição: lutas, violências, conflitos, guerras. Cremos que a paz possa ser definida, por princípio, pelo que é: tranquilidade pública, bom entendimento, sossego, relações amigáveis entre pessoas e nações. Assim, encontramos no texto bíblico de Mateus 5.9: Bem-aventuradas as pessoas pacificadoras, pois serão chamadas de filhas de Deus. E também no texto de João 14.27: Deixo a paz a vocês; a minha paz dou a vocês. Não a dou como o mundo a dá. Não se perturbe o seu coração, nem tenham medo.

Mediante os textos bíblicos, reforçamos que para viver comunidade, como filhas e filhos de Deus, necessitamos a paz como testemunho e como mensagem e benção que Cristo nos deixa.

A convivência é uma condição inexorável da vida cotidiana. Na medida que melhoramos a qualidade de nossas relações interpessoais e sociais, aperfeiçoamos nossas competências para gerar soluções benéficas para problemas comuns e aprimoramos a qualidade de vida, na perspectiva de melhorá-la para todos. É somente pela convivência que somos capazes de superar as necessidades básicas de sobrevivência e nos libertamos para aspirar níveis cada vez mais complexos de transcendência.

Necessitamos aperfeiçoar nossas habilidades de relacionamento e aprender a viver umas com as outras, uns com os outros, ao invés de viver contra as outras pessoas. O principal desafio é colaborar para construir pontes que encurtem as distâncias, diminuam as fronteiras e aproximem as pessoas umas das outras.

A sociedade é considerada um organismo vivo, que promove, em diversos aspectos, a interação social, podendo ser benéfica ou ocasionar dificuldades. Sendo assim, as transformações sociais podem apro-

ximar ou afastar pessoas, especialmente em virtude da competitividade cotidiana. Embora tenhamos a possibilidade de interagir com qualquer pessoa no mundo, isolamo-nos cada vez mais e nos tornamos reféns da tecnologia, a fim de nos sentirmos bem ou próximos de alguém.

Ao observarmos o ambiente em que vivemos e convivemos, ficamos com a dúvida sobre como criar laços e estabelecer grupos sem a necessidade de vencer ou derrotar uma pessoa adversária.

Acreditamos que a aplicação de jogos cooperativos e de integração podem promover as relações que buscamos e como professamos em nossa confessionalidade luterana. Percebemos que eles incorporam valores relevantes na constituição das pessoas adolescentes, jovens e adultas, e estimulam a cooperação, a perseverança, a solidariedade e a paz.

1. REFLEXÃO INICIAL

Compartilho uma pequena história para a nossa reflexão:

“Era uma vez um rapaz que estava tão inspirado que resolveu mudar o mundo. Ele estava plenamente convencido de que seus sonhos e suas ideias podiam revolucionar o universo. Mas, quando tentou implementá-los, percebeu que o mundo era grande demais para uma pessoa mudá-lo sozinho.

Então, resolveu mudar seu país. Mas logo viu que isto também era uma tarefa grande demais para uma única pessoa. Decidiu então mudar sua comunidade.

Mas logo percebeu que até isso era difícil demais para ele. Então, resolveu mudar a si mesmo. E quando começou a ser compreensivo com as pessoas e passou a olhá-las com empatia, ele foi contagiando todos ao seu redor.”

Dinâmica:

Formar duplas. Montar uma caixinha com algumas perguntas relacionadas ao tema. Cada dupla deverá ler duas perguntas e respondê-las em uma conversa. Após cada dupla conversar sobre as perguntas, sentar no grande grupo e conversar sobre o que discutiram na dupla.

Sugestão: Pode-se também fazer duas filas com uma pessoa de frente para outra e o orientador lê a pergunta e todos respondem. Após a pergunta ser respondida na dupla, uma das fileiras troca de lugar e então o orientador lê a próxima pergunta e assim até a última pergunta ser respondida. Ao finalizar, conversar no grande grupo.

Perguntas:

- 1. E sua comunidade ficou melhor, seu país ficou melhor, o mundo ficou melhor? Queremos construir paz em nosso mundo?*
- 2. Buscamos uma ação educativa para a paz? De que forma?*
- 3. Da forma como trabalhamos na educação, nas comunidades, educamos para a paz?*
- 4. Quais são as metodologias, dinâmicas, histórias, jogos etc. pensados e usados a partir dos princípios de uma educação para a paz?*

Se pensarmos a respeito da história acima, perceberemos que construir um mundo de paz é tarefa individual, na medida que precisamos começar a construir a paz a partir de nós mesmas, nós mesmos. Henry Sobel afirma:

“A paz não virá por obra e graça de um grande líder, nem mesmo por providência divina. A paz virá somente quando cada uma e cada um de nós se conscientizar da sua responsabilidade individual perante a sociedade em que vive.”

Assim, cada vez mais precisamos afirmar o dito popular: não faça às outras pessoas o que não queres que te façam. E ainda, dar-se conta que cada uma e cada um de nós é um exemplo constante para a vida das outras pessoas.

2. A PROPOSTA DA OFICINA

Jogos para paz são dinâmicas que possibilitam experiências e vivências educativas para que possamos refletir atitudes do nosso dia a dia. As aplicações dessas propostas ficam restritas ao grupo mobilizado e às pessoas aplicadoras, possibilitando autoconhecimento, além de fomentar a amizade, a responsabilidade, o respeito e a união.

3. OBJETIVOS

Olhar para si mesma, para si mesmo, experimentar e refletir sobre nosso próprio modo de ser e agir neste cotidiano. Pensar a partir de atitudes, gestos, palavras e ações como nós podemos mobilizar a paz em nosso meio.

4. METODOLOGIA

Os jogos propostos serão desenvolvidos pelas e pelos jovens selecionados e acompanhados pelas pessoas responsáveis pela moderação, que terão liberdade de intervir, quando necessário, a fim de resolver possíveis conflitos ou interpretações errôneas da proposta. Caberá à pessoa responsável promover o diálogo com os aplicadores para fortalecer os elos propagadores.

A proposta a seguir traz alguns jogos conhecidos e amplamente apresentados em materiais didáticos. Contudo, o que se pretende é repensar a forma de participar destes jogos. Para tanto, buscaremos refletir sobre as nossas atitudes, relacionadas com a nossa vida e sociedade, buscando a afirmação umas das outras e uns dos outros, a comunicação, a cooperação e a solução de conflitos.

Sempre que realizamos estes jogos com pessoas jovens ou adultas, é importante organizar um tempo para o diálogo sobre a vivência, para se darem conta dos processos de conversação.

Os recursos necessários deverão estar organizados, previamente, em uma caixa que será encaminhada para cada evento a ser realizado.

5. ATIVIDADES INTEGRATIVAS E DE COOPERAÇÃO

Integração - Proposta 01

Nomes em movimento

DESENVOLVIMENTO

Material necessário: bolinha (tênis).

Música de acolhida: *Seja bem-vinda, seja bem-vindo, olêlê.*

Gestos para cada vogal do nome:

A: colocar os braços para cima e unir as mãos sobre a cabeça (casa).

E: cruzar os braços em frente ao peito e repousar as mãos nos ombros (proteção).

I: esticar um braço acima da cabeça, e o outro, ao longo do corpo (alongamento).

O: estender os braços para frente e entrelaçar as mãos para formar um círculo (bambolê).

U: estender os braços para frente com as palmas das mãos viradas para cima. Flexionar levemente os braços em direção ao peito, formando um U (cadeirinha de balanço).

Passar a bolinha e ir cantando. Ao terminar a música, a pessoa que ficou com a bola dirá seu nome, utilizando os gestos (conforme a ocorrência das vogais do nome). Após, todas e todos deverão dizer “Bom dia, seja bem-vinda! Bom dia, seja bem-vindo!” e falar o nome da pessoa com os gestos.

DIÁLOGO

Inserir duas perguntas para o fechamento da proposta.

Sugestões:

O que sentiram? Como foi a experiência?

Você se sentiu acolhida/acolhido com esta proposta?

Integração - Proposta 02

Nome Adjetivo

DESENVOLVIMENTO

Cada pessoa diz o seu nome e uma palavra positiva que a descreve. A palavra deve começar com a mesma letra do nome. Exemplos: Marcos maravilhoso, Henrique habilidoso, Andréia amorosa.

Quando chegar a sua vez, cada participante repete o nome das pessoas que se apresentaram antes, e, no final, diz o seu nome e o adjetivo.

Modo cooperativo (01)

DESENVOLVIMENTO

A CABRA CEGA

Material: venda para os olhos.

Disposição: todas as pessoas em círculo, dando as mãos, menos uma, que representará a cabra cega.

Desenvolvimento: no centro do círculo, posicionar uma aluna ou aluno da turma vendado: a cabra cega. Depois de dar três voltas ao redor de si, a “cabra cega” se dirigirá a qualquer pessoa do círculo e apalpará seu rosto para tentar reconhecê-la. Se conseguir, troca de lugar com ela.

Objetivos:

- percepção tátil;
- percepção dos outros;
- vivenciar uma atividade sem utilizar a visão.

(SOLER, 2003, p. 78)

Modo cooperativo (02)

DESENVOLVIMENTO

FURACÃO

As pessoas participantes estão sentadas, em círculo. Uma pessoa fica no meio. Todas são um grande vento. A pessoa que está no meio diz:

- Um grande vento sopra para quem está de ...

(tênis, roupa de brim, saia, chinelo, cabelo preso etc.).

Todas as pessoas que usam ou são o que foi dito, levantam e trocam de lugar. Durante a troca, a pessoa que está no meio tenta encontrar um lugar para sentar.

Para todas as pessoas trocarem de lugar, é preciso dizer: “furacão” ou o nome de algo que é comum a todas.

CONVERSA/DIÁLOGO

Como me senti enquanto participava do jogo?

Que relações podemos estabelecer entre o jogo e a nossa tarefa educativa?

Integração da Paz (01)

DESENVOLVIMENTO

EDUCAR PARA A PAZ

A violência é algo com que convivemos dia após dia. Vemos nos noticiários, nas ruas da cidade, nos campos, na casa vizinha e em nossa própria casa diversos tipos de violência. Por assistirmos e vivenciarmos situações marcadas pela violência, acabamos, muitas vezes, tornando-nos insensíveis à realidade que provoca dor. “Violência gera violência”, diz o ditado, e as experiências confirmam. Como mudar? Como nosso coração bate por esta realidade? Cristo disse: “Amem os seus inimigos e façam o bem para os que odeiam vocês” (Lucas 6.27); tarefa difícil! Para superarmos essas situações de violência, é necessário experimentar atitudes de acolhimento e de solidariedade.

Ouvir a música Dias Melhores da banda Jota Quest:

<https://www.youtube.com/watch?v=9dsUVU7ERK4>

Ação: dividir a turma em dois grupos, sendo que cada grupo deverá apresentar duas cenas: uma que indica a falta de paz, e outra que indica a possibilidade de mudança. Apresentar os resultados através de esquetes.

Tempo: *15 minutos para preparar + 5 minutos para apresentar.*

Finalizar com a música Cidade da Paz:

<https://www.youtube.com/watch?v=cfPjcfnofxE>

CONVERSA/DIÁLOGO

Como foi procurar situações de violência e transformá-las em situações de paz?

Modo cooperativo (03)

DESENVOLVIMENTO

ESCAPA

É bom advertir as pessoas participantes para ter cuidado para que ninguém se machuque. Usar, sempre, cadeiras sem braços. Em algumas situações, as pessoas terão que se portar como árbitros, quando dois pares tentarão sentar numa mesma cadeira.

Colocar pares de cadeiras distribuídas por toda a sala, formando um círculo. No centro, colocar um par de cadeiras que será o local onde deverá ficar as pessoas pegadas.

As duplas sentam nas cadeiras e, então, a pessoa que coordena diz que o par de cadeiras do centro é o local que ficarão aquelas que serão pegadas. Os pares engancham os braços, e durante toda a brincadeira não podem desenganchar-se. Numerar cada par de participantes, inclusive o que está na prisão. O número que cada par recebe é o seu número. Portanto, não devem esquecer-lo, não importando onde estejam sentados.

O par que está sentado na prisão é quem chama outros números (pares). Estes, quando são chamados, trocam de lugar. O par que está na prisão tenta achar um outro lugar para sentar.

Se o par deseja que todos troquem de lugar, diz: **Escapa!** O par que termina sentado nas cadeiras da prisão repete o processo.

CONVERSA/DIÁLOGO

Como me senti participando deste jogo?

Como lidei e como lidamos com as situações conflituosas presentes no jogo?

Que reflexões faço deste jogo para a minha vida?

Integração da Paz (02)

DESENVOLVIMENTO

O QUE É VIOLÊNCIA

Objetivo: pensar conscientemente sobre qual é a natureza essencial da violência. Compartilhar estas percepções e, a partir delas, reunir uma espécie de consenso sobre a natureza do problema com o qual lidamos.

Materiais: canetas hidrocor e papel *kraft*/pardo.

Desenvolvimento:

a) Antes de começar o exercício, a pessoa que coordena deve estar preparada com a sua própria definição do pior, da essência da violência, para usar como exemplo (ver letra d).

b) Distribuir o papel e a caneta.

c) A pessoa que coordena começa com um *rap*, que vai mais ou menos assim:

Isto aqui é uma oficina para explorar alternativas à violência – para encontrar maneiras de viver e de resolver problemas, de um jeito não violento, numa sociedade que é violenta. E o primeiro passo a ser dado, quando a gente quer resolver um problema, é ter clareza sobre qual é o problema. Então, o que a gente precisa é ter um consenso geral sobre o que o grupo, hoje, aqui presente, entende por “violência”.

Mas todo mundo sabe o que é violência, certo? Violência é assalto, estupro, assassinato – violência física que fere ou mata. E é isso aí.

Será mesmo? A violência não precisa ser necessariamente física. Pode ser verbal.

Pode-se colocar a música do Gabriel Pensador – **Palavras Repetidas**, para uma reflexão mais profunda: <https://www.youtube.com/watch?v=a7e-PQoR8x0>

Exemplos: *quando pais e mães rebaixam suas filhas e filhos; ou a professora grita o tempo todo com a turma; ou uma mulher xinga o marido o tempo todo. Às vezes, esse tipo de violência verbal provoca violência física, naquela hora ou mais tarde.*

A violência pode ser institucional – existem muitos exemplos disso, em escolas, prisões, no sistema militar, em hospitais – em qualquer lugar onde uma instituição tem um poder impessoal sobre as pessoas.

A violência pode ser parte da estrutura de uma sociedade. Se o dono de um prédio aluga e vende apartamentos, e depois o prédio desaba e mata moradoras e moradores, e as leis permitem que isso aconteça, isso é violência.

A violência pode ser escancarada ou oculta. Pode ser uma resposta imediata ou adiada. Até o mesmo comportamento, usado com intenções diferentes, pode ser violento ou pacífico. O silêncio, por exemplo, pode ser uma meditação em louvor a Deus, mas também pode ser usado numa família ou sala de aula para punir e excluir pessoas desses grupos, para privá-las de pertencer e de serem amadas.

Mas as pessoas são diferentes em sua sensibilidade à violência. O que para algumas é normal, para outras é terrível. O comportamento que eu posso achar o mais ultrajante pode parecer parte da vida para outra pessoa, e vice-versa. Mesmo assim, a violência que não me deixa indignada pode estar me causando mal sem eu saber, e isso pode acontecer com vocês também.

Portanto, o propósito deste exercício é descobrir qual a sua experiência de ser pior, a essência da violência.

d) Instruir:

- Durante 10 minutos, vocês vão pensar sobre o tema e, depois, escrever uma frase, definindo o tipo de violência que cada um, cada uma de vocês acha a pior, a que mais fere, a mais difícil de aguentar. Para dar um exemplo, a minha própria definição é (a pessoa que coordena cita o seu próprio exemplo):

Violência é quando as pessoas me tratam de um jeito que eu sei que nada do que eu falo ou faço é importante para elas, e que não há nada que eu possa fazer a respeito disso.

e) Dar início à fase de pensar. Depois, formar pequenos grupos.

Compartilhar as definições do pior tipo de violência, e por que sentem que é assim.

Obs.: Caso alguém não queira participar, respeite esse direito.

Voltar ao grande grupo e deixar que, espontaneamente, as pessoas repartam as suas percepções.

Escrever as percepções numa folha de papel *kraft*/pardo, como uma tempestade de ideias, e ver se emerge um consenso sobre os tipos de violência sobre as quais gostaria de tratar durante uma outra oficina, por exemplo.

Outro aspecto a levantar é a definição do sentimento que temos em relação ao pior tipo de violência que colocamos.

Modo cooperativo (04)

DESENVOLVIMENTO

SALVE-SE COM UM ABRAÇO

Disposição: a pessoa facilitadora explica que este é um jogo de pega-pega, que tem por objetivo que todas e todos se salvem. A pegadora ou o pegador, com uma bexiga, tenta tocar o peito de alguém, e, se conseguir, passa a bexiga e invertem-se os papéis.

Para não serem pegas, as pessoas participantes precisam se abraçar aos pares, encostando o peito uma na outra, salvando-se mutuamente. Conforme a dinâmica do grupo, é possível ter mais que um pegador, maior número de bexigas, e propor abraços em trios e/ou em grupos maiores.

Objetivos:

- estimular a cooperação;
- propiciar a relação interpessoal;
- permitir uma maior aproximação do grupo.

CONVERSA/DIÁLOGO

Toda a relação tem troca. Existem várias formas de se comunicar.

As outras pessoas sempre têm algo a nos oferecer.

Nós sabemos pedir?

Nós sabemos receber?

Quantas vezes criamos a ponto de ser difícil pedir e expressar algum desejo.

Integração da Paz (03)

DESENVOLVIMENTO

ENCENAÇÃO

Porém, o Senhor disse a Samuel: Não atentes para a sua aparência, nem para a grandeza da sua estatura, porque o tenho rejeitado; porque o Senhor não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração.

1 Samuel 16.7

Separar a turma em equipes e convidá-las a ler e criar uma encenação, retratando o exemplo de uma pessoa que se dedica a Deus de todo o coração.

Tempo: 20 minutos para preparar e 3 minutos para cada apresentação.

Modo cooperativo (05)

DESENVOLVIMENTO

O BOTE SALVA-VIDAS

Material: folhas de jornais e aparelho de som com música.

Disposição: todas as pessoas ficam à vontade pelo espaço destinado para o jogo, dançando em volta das folhas de jornais colocadas no solo pela pessoa facilitadora.

Desenvolvimento: todas dançam, e, cada vez que a música parar, devem se colocar sobre as folhas de jornais que representam os botes salva-vidas. A cada parada, a pessoa facilitadora retira uma folha de jornal, até que só reste uma sobre a qual todo o grupo se posicionará, tendo que inventar uma solução criativa para abrigar o grupo todo.

Objetivos:

- estimular a cooperação;
- reforçar o trabalho em grupo;
- aprimorar a criatividade.

Modo cooperativo (06)

DESENVOLVIMENTO

OS BICHINHOS (PADRÃO)

Formar um círculo. A pessoa que orienta atira um bichinho para outra pessoa do grupo. Esta passa adiante e, assim, sucessivamente, até retornar à pessoa que orienta. Cada pessoa deve lembrar de quem recebeu o bichinho e para quem passou o bichinho.

Aos poucos, colocar mais bichinhos. Depois, acrescentar uma bola. Esta é passada no sentido contrário. A bola é arremessada para a pessoa de quem recebeu o bichinho, e recebida da pessoa para quem é mandado o bichinho.

CONVERSA/DIÁLOGO

Como realizamos o jogo?

Como nos sentimos?

Que relações podemos estabelecer entre o jogo e a nossa vida?

E com a temática de violência - não-violência?

Modo cooperativo (07)

DESENVOLVIMENTO

O NÓ HUMANO

Disposição: todo o grupo forma um círculo.

Desenvolvimento: a pessoa facilitadora explica que será formado um nó humano.

Cada participante agarra uma das mãos de duas pessoas, cuidando para não pegar as mãos das pessoas que estão imediatamente ao seu lado, nem as duas mãos de uma mesma pessoa. Quando todas as mãos estão agarradas, estará formado o nó humano. É preciso abrir o nó sem soltar as mãos.

Ao segurar as mãos, pode-se pedir que falem palavras que gerem a paz nos grupos. O objetivo da dinâmica é que todas e todos fiquem num círculo, unidos pelas mãos.

Modo cooperativo (08)

DESENVOLVIMENTO

VOLENÇOL INFINITO

É um jogo de voleibol, utilizando materiais alternativos (pedaços de tecido), para promover o respeito e confiança mútua, a harmonização de ritmos pessoais e a coordenação de esforços para realizar uma meta comum.

Objetivo comum: realizar o maior número de lançamentos consecutivos.

Participantes: para grupos com 20 a 40 participantes, organizados em pequenos grupos, dependendo da disponibilidade de material (duplas, trios, quartetos etc.).

Espaço: uma quadra de voleibol e rede ou similar (por exemplo, um pátio com uma corda).

Material: uma bola de voleibol e “lençóis” (pedaços de tecido em tamanhos variados: toalha, lençol, cobertor, camisetas etc.)

Desenvolvimento: as pessoas participantes formam pequenos grupos, cada um segurando um “lençol”. Distribuídos nos dois lados da quadra, procuram fazer lançamentos com o “lençol”, de um lado para outro, o maior número de vezes possível.

Recreação: dependendo do grupo, permitir que a bola toque uma vez no chão. Utilizar, ao mesmo tempo, mais de uma bola. Realizar “inversões”, por exemplo, o grupo que lançar a bola para o outro lado da quadra troca de lado, também.

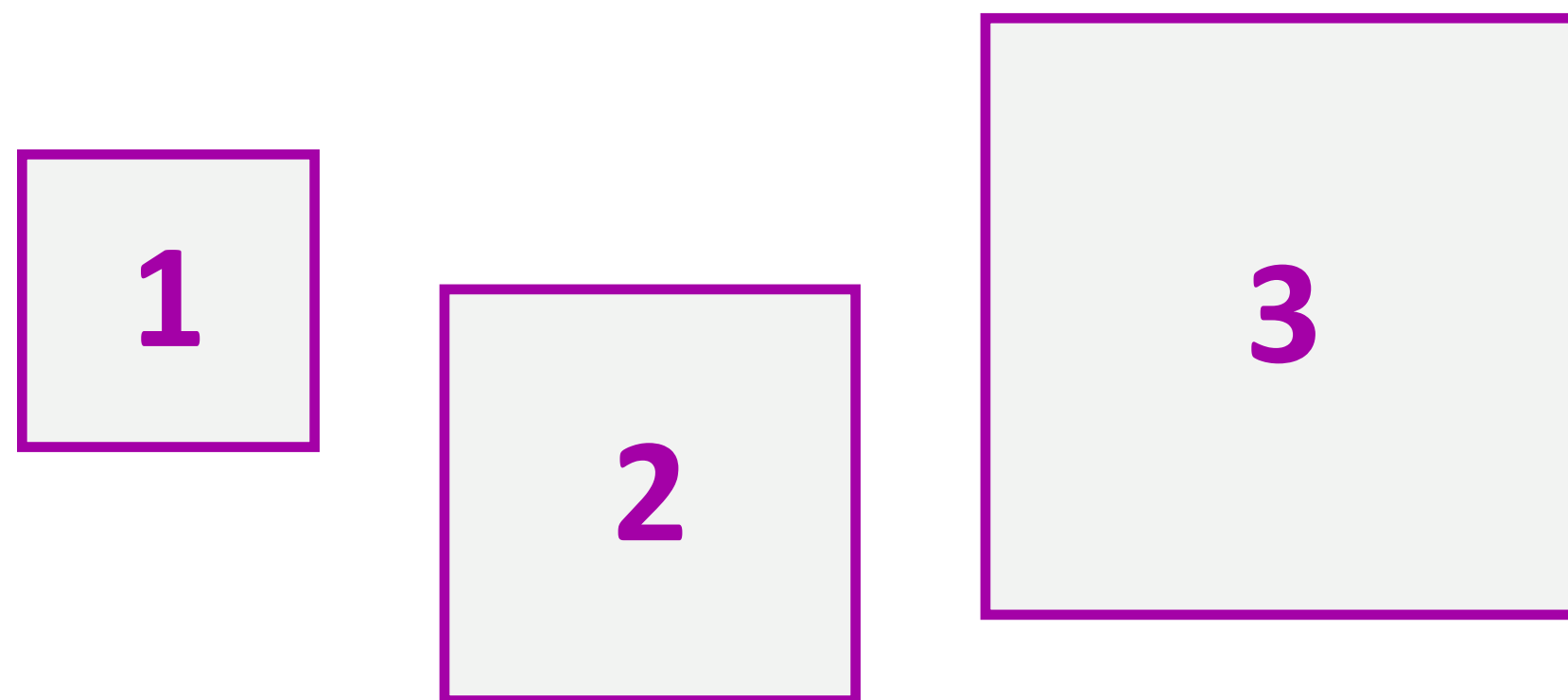
Importante: o volençol exercita a liderança grupal e ensina a realizar objetivos comuns, com muito mais eficiência, economia e alegria.

Modo cooperativo (09)

DESENVOLVIMENTO

A FUGA DOS QUADRADOS

Descrição: dividir o grupo em 3 grupos, usar alguma técnica de separação de grupos: 1, 2 e o 3. No chão, previamente, estarão marcados 3 quadrados*. Pedir aos grupos que repitam “ado-ado, cada um no seu quadrado”.



** O tamanho dos quadrados deve ser suficiente para que todas as pessoas do grupo caibam em pé, sem desconforto. Lembrar que o grupo 1 terá que ir para o quadrado 2, e os dois grupos precisam ir para o quadrado 3, que é o objetivo do jogo. Por isso, os tamanhos destes quadrados devem comportar as outras equipes.*

Para o grupo 1, distribuir as vendas para os olhos – está será a terra dos cegos. O grupo 2, a terra dos “mancos”, terá os pés amarrados. O grupo 3 aguarda. Nominar os quadradinhos de “terra dos cegos” e “terra dos pés amarrados”.

Instruções para o jogo serão dadas quando as pessoas do grupo dos cegos estiverem vendadas, e as mancas, amarradas. “O jogo terá 30 minutos (pode ser mais ou menos, depende da pessoa orientadora, porém 30 minutos é suficiente para propor algumas reflexões). O objetivo do jogo e as regras serão entregues ao grupo 3 quando o cronômetro iniciar a contagem. Todas e todos devem respeitar as regras. Por enquanto, a regra que vocês conhecem é que não devem sair dos seus quadrados sem as devidas instruções. Para cada falha, será descontado um ponto.”

E ... Iniciar o jogo, entregando ao grupo 3 as regras. Neste momento é que você avisa ao grupo, baixinho, que ele é a “terra dos mudos”.

Com estas instruções, o grupo de cegos e mancos não sabe, a princípio, que o grupo 3 é mudo. Isso aumenta a tensão, pois a expectativa é que a “diretoria” lhes dê a instrução do que é para fazer. O tempo correndo aumenta a ansiedade de todas e todos.

Só depois que você deu a instrução para o grupo dos mudos é que você vai colocar os tapetinhos discretamente do lado de fora do quadrado dos cegos.

Se você perceber que todas e todos estão muito perdidos, se já perderam a vergonha e o pudor e estão na terra de ninguém, brigando com as outras pessoas participantes, ao marcar um ponto negativo você pode explicar a razão, por exemplo: o cego saiu do quadrado sem o tapete, menos um ponto; o mudo está emitindo sons, menos um ponto; os mancos estão querendo manipular o tapete, menos um ponto. Isso ajuda a que entendam um pouco melhor o que o grupo de mudos não conseguiu explicar. Tem grupos que se organizam, escolhem **um** para ‘falar’, e não todas e todos ao mesmo tempo, e conseguem passar o objetivo, mas a maioria vai passar a instrução do que é para fazer – e não porque é para fazer – e só então o como fazer.

Deixe acontecer. No final dos 30 minutos ou antes, pare o jogo e pergunte: *o que estão percebendo? Como se sentem? O que podem fazer para melhorar? Podem imaginar uma outra situação onde isso acontece?*

Deixe que “lavem a roupa suja” e que reflitam. Depois, pergunte se querem tentar terminar o jogo, ou se preferem tentar mais uma vez. Se quiserem... troque os grupos de lugar. Se não quiserem... ter conversado já é suficiente, mas não deixe de refletir sobre o comportamento de evitação.

Materiais: giz (marcar o chão), faixas para os olhos, faixas para amarrar os pés, tapetinhos para que possam andar, regras para o grupo 3 – mudos.

Regras – *devem ser entregues para o grupo dos mudos (imprima o anexo, na página 29)*

Você está no quadrado número 3 – TERRA DOS MUDOS, os “cegos” estão no quadrado 1, e os “pés amarrados”, no quadrado número 2.

A sua missão é: sem falar nada, fazer com que, no tempo determinado, todo o grupo esteja no seu quadrado. Só que para isso existem algumas regras que vocês têm que seguir.

1. As regras devem ficar na terra dos mudos.
2. A única maneira de atravessar de um quadrado para o outro é fazer uma ponte com os tapetes que estão ao lado da terra dos cegos.
3. Ninguém pode sair de dentro dos quadrados, a não ser quando estiver em cima dos tapetes, atravessando de um quadrado para o outro.
4. Só os “cegos” podem manipular os tapetes.
5. Os “pés amarrados” só podem atravessar a ponte se fizerem dupla com um cego (uma dupla de pés amarrados + um cego), que servirá de apoio para que possam pular.

MEDITAÇÃO FINAL

DESENVOLVIMENTO

REFLEXÃO FINAL

Cada uma e cada um de nós é uma pessoa especial e diferente, criada à imagem e semelhança de Deus. Ele nos criou para sermos zeladoras e zeladores de toda a sua criação, e distribuiu um colorido imenso na natureza. O arco-íris representa isso, simbolizando o arco da aliança de Deus com seu povo.

Deus também conhece cada uma e cada um de nós. Conhece nossos sentimentos, nossos valores, nosso jeito de ser, e sabe o motivo pelo qual pulsa nosso coração. Ele ama quem é alto e quem é baixo, quem é magro e quem é gordo, quem é cego e quem é surdo, quem é loiro e quem é moreno... Deus conhece e percebe a diversidade de suas filhas e de seus filhos. Ele percebe nossos anseios e, mesmo antes de pedirmos algo em oração, Deus sabe o que precisamos.

No decorrer dos jogos, provavelmente, surgiram algumas perguntas inquietantes e, por isso, desafio vocês a refletirem em duplas a partir da pergunta: “Pelo o que bate o seu coração?” (tempo de 3 minutos). E se perguntássemos para Deus: “Deus, o que faz o seu coração bater?” (tempo de 3 minutos).

Com toda certeza, Deus diria “por vocês”. Deus demonstrou que seu coração pulsa pela humanidade, pulsa por mim, por você, por nós... Quando Deus entregou seu filho amado para ser crucificado, morto, sepultado e no terceiro dia ressuscitar, podemos perceber o tamanho do amor de Deus por nós. Que o exemplo do amor de Deus faça nosso coração jovem pulsar mais rápido pela vida, pelo amor, pela paz e pela esperança por um mundo mais humano e justo.

Sugestão de texto bíblico: Salmo 139.1-6, 23-24

DINÂMICA DAS FITAS

Material: três fitas de diferentes cores para cada pessoa, no tamanho 1,5cm x 20cm. As cores devem ser conforme a Rosa de Lutero (vermelho, amarelo, azul, verde, preto, branco) ou conforme o tema do evento. Essas três fitas podem ser amarradas na cadeira ou colocadas no chão, unidas, de acordo com as orientações abaixo.

Explicação do significado das fitas:

Cores: As diferentes cores representam a diversidade de cada pessoa e a sensibilidade que está no pulsar do coração de cada uma... Somos pessoas diferentes, mas especiais, criadas à imagem e semelhança de Deus.

Fitas: As fitas sozinhas, sem estarem enlaçadas, não possuem sentido nenhum em um grupo. Mas, na aproximação (escolher uma fita e amarrar com a pessoa que está à direita e a pessoa que está à esquerda) elas formam uma corrente. Corrente que nós, jovens, podemos formar, nos envolvendo com atividades diaconais, praticando o bem e auxiliando as pessoas próximas.

A segunda fita deve ligar uma das pontas à primeira fita que formou a corrente, e a outra ponta, com a pessoa que está atrás, na outra fileira. Nesta parte da dinâmica, todas as correntes serão ligadas e será formada uma grande teia. Para facilitar a realização da dinâmica, as e os jovens devem levantar essa teia sobre suas cabeças e visualizar espaços onde é necessário unir as fitas.

Só então a terceira fita entra em ação, e ela tem a função de fechar e unir os espaços vazios, os buracos (aqui, é possível relacionar com as dificuldades que encontramos na vida, no grupo, mas para tudo é possível encontrar soluções, com as bênçãos de Deus).

Com a teia formada, é possível perceber que na diversidade podemos formar uma unidade, e quando nos enlaçamos com a outra e com o outro já não somos mais nós mesmos, a outra pessoa leva um pouco de mim e eu levo um pouco dela. Nessa convivência, formamos nosso grupo, valorizando os dons e talentos de cada uma e cada um, e por isso agora podemos brincar e fazer nosso coração pulsar mais rápido. Se somos zeladoras e zeladores deste mundo, parte da criação de Deus, vamos com nossas mãos sentir o pulsar de nosso coração e tocar com cuidado o mundo que essa teia vem acolher (aqui se pode brincar com toques em uma bola que é largada sobre a teia).

Obs.: pode ser usado um balão grande em forma de coração ou uma bola grande que representa o mundo.

MÚSICAS

Laços: <https://www.youtube.com/watch?v=PQ5cNYyRsxg>

Tocando em frente: https://www.youtube.com/watch?v=Y-8c1jOP_fg

Aprendendo a jogar: <https://www.youtube.com/watch?v=bnd227zoEdc>

Paz e amor: <https://www.youtube.com/watch?v=qnlSopxcp9c>

6. ENCERRAMENTO

Para realizar essa dinâmica de reflexão, é necessário ter flores de cinco cores diferentes (devem ser levadas prontas para este momento). Elas podem ser feitas de papel colorido, nas cores: azul, verde, amarelo, laranja e vermelho, que representam as ações que serão estimuladas durante a leitura da mensagem.

A aplicação da dinâmica das flores deve seguir o roteiro da história As Flores do Jardim Encantado, criada por Edson Ponick, e deve ser contada pela pessoa instrutora ao som de músicas calmas e relaxantes. Cada vez que uma cor de flor for mencionada e uma ação for indicada, deve haver a troca de flores e interação.

Leitura bíblica de Filipenses 2.1-4:

“Por estarem unidos com Cristo, vocês são fortes, o amor dele os anima, e vocês participam do Espírito de Deus. E também são pessoas bondosas e misericordiosas umas com as outras. Então peço que me deem a grande satisfação de viverem em harmonia, tendo um mesmo amor e sendo unidos de alma e mente. Não façam nada por interesse pessoal ou por desejos tolos de receber elogios; mas sejam humildes e considerem as outras, os outros, superiores a vocês mesmos. Que ninguém procure somente os seus próprios interesses, mas também os interesses das outras, dos outros”.

AS FLORES DO JARDIM ENCANTADO

Autor: Edson Ponick

“Era uma vez um jardim encantado. Neste jardim, havia muitos canteiros. Em cada um deles, flores de todos os tipos, tamanhos, cores e com variados e deliciosos perfumes. No jardim encantado não chovia, embora todas as flores necessitassem de muita água para viver. Por não chover no jardim encantado, as próprias flores desenvolveram a capacidade de se transformarem em jardineiras. Assim, elas sobreviviam, regando umas às outras, e com gotas de água de diferentes tipos. Havia no jardim encantado um tipo de gota de água que se chamava **Olhar Carinhoso**. Essas gotas eram produzidas e distribuídas pelas flores azuis. Todos os dias, de manhã bem cedinho, as flores azuis se transformavam em jardineiras e regavam cada uma das suas amigas com as gotas de **Olhar Carinhoso** para viver aquele dia.

Outra espécie de água chamava-se **Palavra de Ânimo**. Essas gotas eram produzidas e distribuídas pelas flores verdes. Da mesma forma como a anterior, essas flores espalharam entre as suas companheiras **Palavra de Ânimo**, que eram sussurradas no ouvido de cada flor do jardim.

Diariamente, todas as flores precisavam de gotas de água chamadas de **Aper-to de Mão**. Essas gotas eram produzidas e distribuídas pelas flores na cor laranja. A determinada altura do dia, elas se transformavam em jardineiras e espalharam **Apertos de Mão** carinhosos para cada uma das flores.

As flores do jardim encantado eram regadas também com gotas conhecidas por **Carinho no Rosto**. Quem as produzia e distribuía eram as flores amarelas. Havia, ainda, gotas muito especiais, de que as flores jardineiras precisavam muito. Essas gotas eram produzidas e distribuídas pelas flores vermelhas. Todas as flores esperavam com ansiedade a visita das flores vermelhas. As gotas que elas distribuem chamavam-se: **Abraço Cheio de Amor**.

E, assim, as flores do jardim encantado viviam muito felizes. Todos davam e recebiam as gotas necessárias para viver uma troca ilimitada. As flores do jardim viviam por muitos anos, esbanjando cores e formas lindas, até desaparecerem felizes para dar lugar às novas flores, que nasciam diariamente. Essas flores logo davam e recebiam as gotas especiais que faziam daquele jardim um lugar Encantado.”

ANEXO

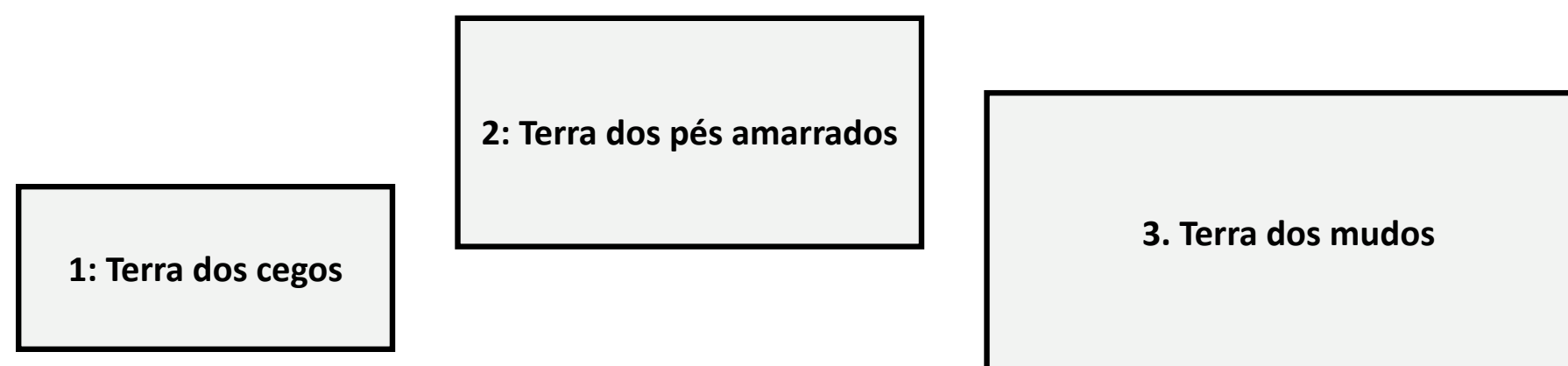
Indicação para a atividade – A FUGA DOS QUADRADOS

REGRAS – A FUGA DOS QUADRADOS

Você está no **quadrado número 3 - TERRA DOS MUDOS**. Os “cegos” estão no quadrado 1 e os “pés amarrados” no quadrado 2.

A sua missão é: **SEM FALAR NADA**, fazer com que, no tempo determinado, todo o grupo esteja no seu quadrado. Só que, para isso, existem algumas regras que você precisa seguir:

1. As regras devem ficar na terra dos mudos;
2. A única maneira de atravessar de um quadrado para o outro é fazendo uma ponte com os tapetes que estão ao lado da terra dos cegos;
3. Ninguém pode sair de dentro dos quadrados, a não ser quando estiver em cima dos tapetes, atravessando de um para o outro;
4. Só os “cegos” podem manipular os tapetes;
5. Os “pés amarrados” só podem atravessar a ponte se fizerem dupla com um cego (uma dupla de pés amarrados + um cego), que servirá de apoio para que esses possam pular.



REFERÊNCIAS

BROWN, Guillermo. **Jogos cooperativos**: teoria e prática. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

Departamento de Catequese da IECLB, Semanas de Criatividade - **A ventura da paz - Vivências educativas a partir das bem-aventuranças**, 2000.

SOLER, Reinaldo. **Jogos Cooperativos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

WALKER, Z. J. **Educando para a paz**. Brasília: Escola das Nações, [1987].

Este e-book da **Oficina Jogos para a Paz** é uma publicação da Secretaria da Ação Comunitária/Coordenação do Trabalho com Jovens e Coordenação de Educação Cristã da IECLB.

Elaboração: Professora e Teóloga Kátlin Dickel

Revisão: Juliana Cristine Kupske Itermann, Catequista Juliana Ruaro Zachow, Pastor Olmiro Ribeiro Junior

Revisão ortográfica: Susanne Buchweitz

Projeto gráfico, capa e diagramação: Suzana Cristina Witt

Realização: Seminário Comunidades Criativas, da Secretaria da Ação Comunitária da IECLB

Apoio: Obra Missionária Evangélico-Luterana da Baixa Saxônia (OMEL) e Fundo da Educação Cristã Contínua da IECLB

Coleção Oficinas Comunidades Criativas, volume 5

© Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2024

Rua Senhor dos Passos, 202, 4º andar

90020-180 – Porto Alegre – RS

Fone: (51) 3284 5400

secretariageral@ieclb.org.br

www.luteranos.com.br

